

A RECONSTRUÇÃO do nosso país no período pós-cheias está dependente da resposta a ser dada pelos doadores na conferência que hoje tem início aqui na capital italiana, Roma. Segundo o programa de reconstrução pós-emergência elaborado pelo Governo, são necessários pelo menos 450 milhões de dólares norte-americanos para reparar as infra-estruturas destruídas e permitir o arranque da economia.

No seu discurso televisado na passada quinta-feira em Maputo, o Presidente da República, Joaquim Chissano, que já se encontra em Roma, agradeceu o apoio prestado por todos os países na fase crítica de emergência que o país atravessa. Na mesma ocasião, o Chefe do Estado pediu a participação de todos na fase de reconstrução, que não pode ser feita sem o apoio generoso da comunidade internacional.

As palavras do Presidente Chissano estão a fazer eco aqui em Roma, daí a grande expectativa que rodeia a realização da Conferência Internacional para a Reconstrução.

Em linhas gerais, segundo o documento a ser apresentado hoje aos doadores, constitui prioridade do Governo implementar o programa de reconstrução no quadro de um ambiente macro-económico estável, prestando atenção particular à prevenção do

Reconstrução depende da resposta dos doadores

OSVALDO GÊMO, nosso enviado a Roma

agravamento da situação de pobreza no país.

O programa de reconstrução é composto essencialmente por duas partes, nomeadamente a reposição dos serviços públicos e infra-estruturas danificadas, conjuntamente com a capacitação do Aparelho do Estado para, de forma auto-sustentada, gerar catástrofes futuras. O outro ponto diz respeito ao apoio ao sector privado, nomeadamente os agentes económicos de pequena dimensão, nas actividades vitais para a reconstrução do tecido económico nas zonas afectadas.

Destaque é dado, no ponto anterior, às pequenas lojas que apoiam a comercialização agrícola e que constituem o principal elo entre a economia formal e de auto-subsistência. A intervenção do Governo neste contexto pautar-se-á pelo princípio de descentraliza-

ção das acções a emprender, incluindo o seu planeamento e execução.

No seu documento, o Governo refere que o programa de reconstrução exige um esforço financeiro que está para além das capacidades de financiamento próprias e que só poderá ser implementado com o apoio generoso da comunidade internacional.

O valor de 449,5 milhões de dólares norte-americanos é superior em 20 milhões ao apurado pelo Banco Mundial. Esta diferença é justificada como sendo resultado de informação mais apurada recebida posteriormente à primeira avaliação.

A expectativa do Governo, segundo fontes oficiais aqui em Roma, é de que as necessidades que se apresentam sejam cobertas, por forma a viabilizar o cres-

cimento económico que o país vem registando.

Prevê-se a participação neste encontro de cerca de 70 delegações de países e/ou donadores.

A comitiva moçambicana começou a chegar domingo a Roma e vai ser composta por cerca de 70 pessoas representando o Governo, ONG's, sociedade civil e o empresariado nacional.

O Presidente da República encontra-se em Roma desde domingo e vai cumprir um vasto programa que, para além da Conferência Internacional para a Reconstrução, inclui contactos com altos dignitários italianos, entre os quais D. Matteo Zuppi, da Comunidade de Santo Egídio.

Chissano visitou ainda ontem a cidade de Trento, onde manteve um encontro com a comunidade moçambicana ali residente, evento organizado por Mário Raffaelli,

amigo do nosso país e antigo alto funcionário do Ministério italiano dos Negócios Estrangeiros.

Segundo a agenda oficial, o Chefe de Estado vai hoje almoçar com seu homólogo italiano Carlo Azeglio Ciampi, para amanhã ser recebido em audiência, no Vaticano, pelo Santo Padre, o Papa João Paulo II.

Já na segunda-feira, 1.º de Maio, Joaquim Chissano almoçou com Dina Forti, outra amiga de Moçambique, para além de ter mantido conversações com o Senador Rino Senni.

Falando a jornalistas em Roma, o Presidente da República disse esperar uma boa participação, uma resposta positiva e não apenas promessas por parte dos doadores que participam na conferência. "Apresentámos um montante de aproximadamente 500 milhões de

dólares devidamente justificados. Constituímos grupos de trabalho que vão explicar como pretendemos utilizar a ajuda, não apenas para a reconstrução mas também para evitar as consequências de futuras calamidades. Roma representa um lugar simbólico para nós, já que durante a guerra de libertação muitos movimentos de solidariedade surgiram aqui. Mantivemos boas relações não tanto com os governos, mas sobretudo com os partidos políticos de esquerda e do centro, como o da Democracia Cristã, o Socialista, o Comunista e também com o "Vaticano", disse o Presidente da República.

Sobre o encontro que vai manter com o Santo Padre, Chissano disse que lhe vai transmitir, de viva voz, a alegria do povo moçambicano pelo seu carinho e interesse em apoiar os moçam-

bicanos, partindo da premissa de que as suas palavras motivam a igreja local para tomar posições activas e positivas de ajuda ao programa de desenvolvimento de Moçambique.

Segundo o Chefe do Estado, o perdão de parte da dívida ou do serviço da dívida não corresponde ao necessário, mas sim a um adiamento da solução do problema. Ainda de acordo com Chissano, o crescimento económico que o país experimenta não se faz sentir muito na população porque grande parte do rendimento produzido é depois gasto no pagamento da dívida. "Com o cancelamento total, poderemos utilizar o poupado no alívio à pobreza, para a Educação, Saúde, água e na luta contra doenças graves", disse o Presidente.

Viajaram com o Chefe do Estado os Ministros dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, Leonardo Simão, dos Transportes e Comunicações, Tomaz Salomão, das Obras Públicas e Habitação, Roberto White, da Indústria e Comércio, Carlos Morgado, da Saúde, Francisco Songane, e ainda o Vice-Ministro da Agricultura e Desenvolvimento Rural, João Carrilho.

O Presidente da República discursa hoje na abertura da conferência

Entretanto, o Ministro dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, Dr. Leonardo Simão, mostrou-se optimista quanto à possibilidade de os doadores garantirem os fundos necessários para a reconstrução. Leonardo Simão falava ontem a jornalistas moçambicanos que estão em Roma para fazer a cobertura da conferência para a reconstrução pós-cheias.

Segundo disse, há um cometimento de países e organizações de que vão, durante a conferência, fazer pronunciamentos positivos e, nalguns casos, substanciais.

Acrescentou que há interesses pela conferência e também de ajudar Moçambique a refazer-se das calamidades naturais.

"Penso que poderemos atingir valores tão próximos disso porque este número colhe largo consenso a deprender das reacções da comunidade doadora em Maputo que são importantes porque estão em contacto com a realidade no terreno e faz as recomendações necessárias às respectivas capitais", disse.

Simão disse que a base desta conferência são doações e nalguns casos em que não for possível atingir o objectivo vai se recorrer ao crédito.

A nossa fonte destramatizou a pretensão da Renamo de participar no encontro, indicando que é uma tentativa de desviar a atenção da comunidade internacional. "Esta tentativa não tem impacto e nem vai ter nenhum. A Renamo perdeu uma oportunidade de se juntar ao grande movimento nacional de alívio ao sofrimento dos moçambicanos".